

ARA FRAGMENTADA DE FÓIOS (SABUGAL)

Foto 122

Este monumento apareceu, há já algumas décadas, no sítio dos Pardieiros (freguesia de Fóios, concelho de Sabugal), cerca de um quilómetro para nordeste da aldeia ⁽¹⁾.

É de granito de grão médio e está em muito mau estado de conservação, por ter sofrido desbastes em quase todos os lados aquando do reaproveitamento. A face direita do capitel está

⁽¹⁾ Neste local, que está muito próximo da cota máxima numa linha de alturas que, pelo Sul, ali limita a Meseta, aparece algum material de superfície (mós manuais, pesos de tear, cerâmica comum). A ara, que na altura se havia transportado para a aldeia, foi agora oferecida por Palmira Pires Esteves à Câmara Municipal (onde já se encontra, para ser integrada no futuro museu).

Fomos informados de que, num ficheiro de D. Fernando de Almeida, teria existido uma nota sobre «aras a Júpiter do Sabugal». Todavia, no espólio depositado no Museu de Castelo Branco não se encontra tal apontamento.

Também a antiga proprietária desta ara nos informou de que, haverá cerca de vinte anos, ali teriam estado «uns senhores de Lisboa a fotografá-la»: talvez esta seja uma das referidas «aras a Júpiter». A outra, de facto dedicada a Júpiter Ótimo Máximo e por informações prestadas por Maria Virgínia Mendes, do Casteleiro, terá aparecido em 1971 no sítio do Paraíso, freguesia da Moita, e posteriormente depositada no Museu de Castelo Branco, onde se encontra; foi recentemente publicada, embora com origem desconhecida: José Manuel GARCIA, *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984, n.º 7.

totalmente destruída; na esquerda apercebem-se três cordões (respectivamente, de cima para baixo, com 2,5/4/3 cm) a que se seguiria uma gola directa com 10,5 cm; as faces posterior e anterior são planas, mas nesta existe, centralizado e superficialmente vazado, um arco ornamental (com 23 cm na base e 14 de altura); na cornija (com 9 cm de altura) nota-se que existiram dois toros laterais (com 9 cm de largura) que limitariam um fóculo rectangular com 15×24 . Ao fuste, também destruído de forma irregular, falta quase a metade esquerda.

A gravação é bastante superficial e irregular, principalmente no que resta das duas últimas linhas onde os caracteres estão progressivamente deslocados para cima; a primeira linha inicia-se com restos de um V, e a segunda com um I; a terceira linha termina com um A, mas a existência de um rasgo, entre esta letra e o P anterior, faz com que se pareça com um M; a quarta linha inicia-se com metade de um M. Foram gravados pontos de separação entre todas as palavras e siglas.

Dimensões: capitel: $(29) \times (39) \times 26$;

fuste: $35 \times (33/28) \times 25$;

base: $(14) \times (36) \times (28)$.

Campo epigráfico: $35 \times (28)$.

[RV]FVS · T/[...]I · F(*ilius, ex*) V/[OT-, *vel (-oto)* DE-/RE-?]O ·
PA/[RA]MAËCO / (*aram posuit?*).

Rufo, filho de (?), por voto, erigiu a ara a(o Deus, Reus?)
Paramaeco.

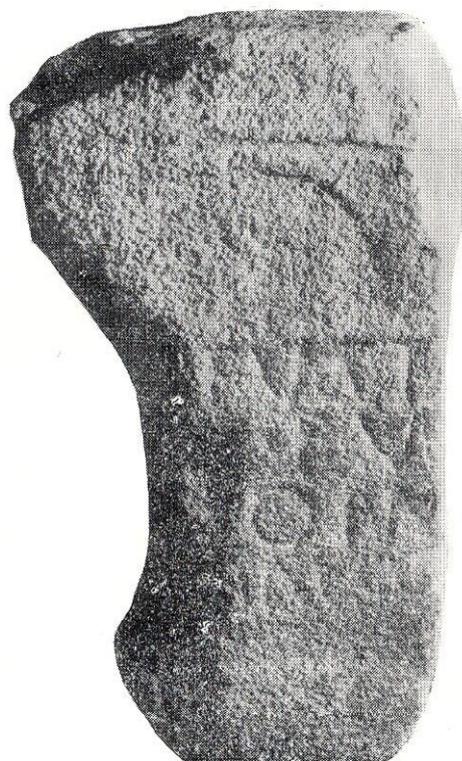
Altura das letras: l. 1: 5,5 aumentando para 6,5; l. 2: 6,5; l. 3: 6,5 diminuindo para 6; l. 4: 5. Espaços: 1: 0; 2: 1; 3: 1/1,5; 4: 1,5/1; 5: 7 aumentando para 8.

O autor do voto, ainda que utilizando a onomástica indígena, já havia adoptado um antropónimo latino. Para o patronímico não se avança qualquer reconstituição (sendo várias as hipóteses possíveis), embora, pelo espaço disponível e também pela região onde se integra, pudesse eventualmente tratar-se de *Tritius*.

A localização do achado pode contribuir para confirmar a existência, aqui, do culto a uma divindade do *paramus* (planalto, meseta) ⁽²⁾.

Este monumento poderá ser do séc. II.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



Foro 122

⁽²⁾ Cf. nota anterior. *Paramaecus* conhece-se como antropónimo em Marialva (FE 47), e como teónimo em Lugo: *vide* Maria de Lourdes ALBERTOS, *Teónimos Hispanos*, «Primitivas Religiones Ibéricas», vol. II, Madrid 1983, (dirigido por J. M. Blázquez).